CARLOS FREIRE

O ANÓNIMO COROADO

EDIÇÕES MORTAS

À esquerda, uma parede oblíqua (P) pintada de branco, com uma porta sem batente para lá da qual apenas se vislumbra uma claridade avermelhada.

Paralelo à boca de cena, um parapeito (V) de "pedra" branca, o parapeito de uma varanda ou de um terraço (varanda ou terraço que constitui a cena).

Para lá do parapeito, um mar imóvel, muito azul, e um céu mais branco que azul, mar e céu pintados num painel que abrange todo o fundo da cena (pintura que, ao contrário do resto da cena, não pretenderá ser realista, propondo apenas que se reconheça um mar e um céu).

Há três mesas com as respectivas cadeiras (1, 2 e 3), mobiliário pintado de branco.

O chão, se possível, seria branco.

Haverá conveniência numa iluminação predominante: uma luz branca e forte, como a luz de um sol de verão, numa ilha mediterrânica.

PERSONAGENS (por ordem de entrada em cena):

- **MAX** (veste-se totalmente de branco; o cabelo muito curto, quase rapado)

- **O CRIADO** (trajado a rigor, de libré - em azul quase eléctrico -; o cabelo muito curto, quase rapado; traz sempre as mãos calçadas com luvas brancas)

- **A MÃE** (veste-se sobriamente, de preto e branco; um austero mas impregnado de um requinte tipicamente burguês; o cabelo grisalho, com um penteado de "banana", isto é, o cabelo apanhado na nuca - à maneira dos anos sessenta -; o rosto muito branco, os olhos encovados, marcados por uma dor intensa, assim como a boca, com os lábios levemente pintados de vermelho)

- **JONAS** (veste uma roupa de marinheiro, azul e branco; anda descalço; traz sempre na cabeça uma boina de marinheiro - azul carregado -; o cabelo muito curto, mas menos que os outros; na orelha esquerda, uma argola dourada)

- e um **MANEQUIM**, vestido tal como **MAX**.

Abre-se o pano.
Entra MAX.
Lentamente, segue a todo o comprimento do parapeito. No extremo direito, pára. sempre a olhar para o mar.
Sem deixar de olhar para o mar, sem se voltar uma única vez (frontalmente) para o público, senta-se numa cadeira. Acende (com fósforos) um cigarro. saboreia-o calmamente, expelindo o fumo com um inclinar da cabeça.

Decorre um tempo. Durante este tempo, ouve-se um som longínquo de mar.

Depois, entra o CRIADO.
Traz uma bandeja com um jarro e um copo. O jarro, transparente, deixa ver um líquido avermelhado, rodelas de laranja, qualquer coisa que é decerto fresca; um líquido espesso.
O CRIADO dirige-se para a mesa a que MAX está sentado (a mesa 1) , e nela poisa o copo e, segurando no jarro, enche-o.
Depois, poisa também a bandeja e o jarro na mesa.
fica por curtos instantes parado ligeiramente atrás e à direita de MAX, de frente para o público. Depois, sem dizer nada, nem esboçar nenhuma intenção, atravessa a cena e sai.

MAX bebe o líquido vermelho do copo, depois de ter atirado o cigarro para o chão e tê-lo pisado, suavemente, com um dos pés.

Um tempo: ouve-se o som longínquo de mar.

Depois, entra a MÃE.
Dirige-se para a mesa 1. Pára perto de MAX. pega no seu copo e bebe. Poisa o copo. Fica por uns instantes a olhar para o mar. Depois, senta-se na mesa ao lado da de MAX, não de costas para o público mas de costas para o mar (na mesa 2) .

MÃE - quando chegaste?

MAX - sabes tão bem como eu.

MÃE - não me disseste nada...

MAX - desde que cheguei, não tenho nada a dizer-te. não é por mal. não é por nada. é só porque não tenho nada a dizer-te.

MÃE - achei estranho.

MAX - não deves achar estranho. é mesmo assim.

MÃE - nem nada para contar da tua viagem? nenhuma história? sempre gostaste de contar histórias.

MAX - não deixei de contar histórias. só que não tenho nenhuma história para contar... para contar a ti.

Pausa - *por curtos instantes, ouve-se o som longínquo do mar.*

MÃE - ouvi dizer que trouxeste um marinheiro. ainda não o vi; suponho que também ele não me tenha visto.
porque o trouxeste?

MAX - quis trazê-lo. ele aceitou vir.

MÃE - porquê?

MAX - achámos que seria agradável, para ambos, mantermo-nos juntos por algum tempo, o tempo que quiséssemos, o tempo que fosse para ambos agradável, sem qualquer compromisso a não ser, apenas, a duração desse mútuo prazer.

MÃE - outro devaneio?

MAX - não acho que seja um devaneio. estou bem lúcido.
o prazer é um devaneio? não, mãe, não creio.
o prazer é o culminar da lucidez. não posso ser lúcido?

MÃE - não é isso, Maximiliano.

MAX - Maximiliano não, minha mãe. apenas Max. sabes que é só assim que permito que me chamem.

MÃE - sim, Max... mas não é a tua lucidez que eu censuro.
na verdade, não vejo onde ela está.
mas não é isso propriamente que eu censuro.

MAX - propriamente, não podes censurar nada.
tens de compreender, definitivamente, que sou um rei e que tu és apenas a mãe desse rei. nem ninguém me pode censurar nada. nem as minhas viagens ou os meus constantes abandonos do reino. que reino é este? apenas uma ilha, cheia de pedras, areia, alguns bichos e algumas criaturas. todos têm o que querem, a única coisa que lhes posso dar, a única coisa que verdadeiramente eu próprio possuo: gozar o sol e o mar.
quem me pode censurar alguma coisa? e que pode haver a censurar?

MÃE - alheaste-te do mundo. quando vais nas tuas viagens, ninguém te conhece: és um anónimo: não és rei para o mundo. um rei deve criar uma imagem, é preciso dar-se a conhecer.

MAX - não sou rei para ninguém.
foi uma circunstância que muito simplesmente herdei.
caiu-me em cima e eu não a sacudi. tive um certo prazer nisso. pelo menos, nunca mais me preocupei em saber o que era, quem eu era: era rei, pronto. nada de ser ou não ser: isso é que é um devaneio. mas isso é, digamos, uma coisa íntima, que só vale para mim. para os outros, sou um qualquer. acreditas que as criaturas desta ilha, deste reino, me conhecem quando passo pelas ruas onde vivem? ali mesmo, no meio delas? sou um qualquer. algumas chegam apenas a supor que eu seja uma visita do rei, desse rei, que nunca viram.

Pausa.

MAX - isto de ser rei é uma coisa íntima.

MÃE - em suma: acho que é mais um devaneio.

MAX - a minha coisa íntima?

MÃE - não é a tua coisa íntima, mas teres trazido esse marinheiro.

MAX - não compreendo porque possa ser um devaneio. Jonas é belo e amável. cheira a sal, a mar, a sol. tem o olhar tocado pelos deuses à força de ver a imensidão dos oceanos. Jonas é uma criatura aprazível.

(pequena pausa)

é isto um devaneio.

MÃE - sim, é um devaneio.

MAX - mas Jonas é o triunfo da lucidez.

MÃE - por isso mesmo.

MAX - não te compreendo.

MÃE - e eu compreendia-te melhor quando me contavas histórias.

Pausa.

MÃE - antes desta última viagem, as coisas eram diferentes. já chegaste há vários dias, e só hoje me falas porque vim eu mesma procurar--te. não é o caso de me contares ou não histórias: é que dantes, pelo menos, falavas comigo.

MAX - dramatizas uma questão que não tem interesse nenhum em dramatizar. logo, o devaneio é teu.

MAX pega no jarro e enche o copo. Poisa o jarro. Bebe um bocado. Poisa o copo.

MAX - de qualquer modo, não me apraz falar de devaneios. cada um tem o que lhe compete. o importante é não trocar, é não confundir. sendo assim, é sempre a lucidez que triunfa.

MÃE - Falas demasiado de lucidez.

MAX - ela sai-me pela boca, pelos poros, espontaneamente.

MAX acende um cigarro (com fósforos).

MAX - não sentes prazer em olhar para este mar, para esta cor, para este sol, para esta enorme força, esta massa verde e azul, ondulante e turbulenta nas suas entranhas mas de plácida superfície? não sentes prazer nisto?

Subitamente muito perturbada, a MÃE levanta-se e começa a atravessar a cena para sair, num passo nervoso mas decidido.

MÃE - virei noutra altura falar contigo.

MAX - nunca mais virás falar comigo.

MÃE - Max?!

MAX - não consinto.

MÃE - Max!...

MAX - sai! sou eu o rei.

MÃE - Max...

MAX - sai!

A MÃE sai, cobrindo subitamente o rosto com as mãos, abafando um choro convulsivo.
MAX permanece imperturbável, fumando.
Um tempo: ouve-se o som longínquo do mar.

Depois, MAX atira o cigarro para o chão e pisa-o suavemente com um pé. Bebe um bocado do conteúdo do copo. Levanta-se da cadeira em que está sentado, encosta-se ao parapeito e espreguiça-se lenta e silenciosamente (com a sensualidade de um gato). Depois, volta--se para o público, de costas para o mar, e senta-se na cadeira em que a MÃE esteve sentada (na mesa 2).

MAX - acho que foi a primeira coisa que gostei de ver: o mar. acho que foi a primeira coisa que me emocionou, que me provocou uma sensação forte. forte... sim, forte. a força do mar; a cor do mar.

Pausa.

quando era puto, saía de casa muito cedo, ainda o sol não tinha nascido, vinha de bicicleta, vinha para perto do mar, encostava a bicicleta a uma árvore, um pinheiro julgo, sentava-me na areia, encostado ao tronco rugoso da árvore, e ficava a olhar para o mar, a ver a água, a grande massa de água que se movia diante de mim.

Pausa.

depois, o sol nascia. eu montava na bicicleta e passeava cerca de uma hora pela estrada que seguia a costa. sempre com os olhos postos no mar.

Pausa.

foi nesses passeios matinais para o mar que descobri em mim uma decidida vocação para o prazer. apenas o prazer. ordenei que ninguém mais me chamasse Maximiliano: passei a ser apenas Max.

Pausa.

por esses tempos, apaixonei-me verdadeiramente por um jovem

místico que por vezes me acompanhava nesses passeios, também montado numa bicicleta. quando olhava por muito tempo o mar, começava a chorar e então dizia que se operara nele a fusão dos elementos, a fusão da terra que era a sua carne com a água que diante de si se movia. por amor desse jovem místico, ou por uma súbita e imperiosa necessidade que

esse amor fez vir à tona, decidi-me a acreditar na fusão dos elementos, e, desde esse tempo, a procurá-la por todos os lados, em todos os sentidos, em toda a extensão que é possível imaginar para um prazer.

Pausa.

minha mãe chamou a isto o meu primeiro devaneio. quanto a mim, é claro, descobri-me animal lúcido.

Um tempo: ouve-se o som longínquo do mar.

Depois, entra JONAS. Caminha ao longo do parapeito, como fez MAX quando entrou, sempre a olhar o mar, sem olhar para o público. Pára perto do lugar em que MAX está sentado. Um tempo. Depois, volta-se para o público, de costas para o mar, e fica em pé, encostado ao parapeito.

JONAS - nesta terra há sempre sol.

MAX - é o meu reino, Jonas.

JONAS - gosto do teu reino, Max.

MAX levanta-se da cadeira em que está sentado. Pega no jarro e enche o copo com o líquido vermelho. Poisa o jarro. Oferece o copo a JONAS. JONAS pega no copo, bebe um bocado, entrega o copo a MAX, que o poisa na mesa (na mesa 1, portanto).
Depois, MAX começa a andar calmamente, as mãos atrás das costas, de um lado para o outro.

MAX - também gosto muito do meu reino, Jonas.
sabes a história dele? vou contar-te.

Pausa.

há muito tempo, quando só havia bichos e algumas criaturas, quando ainda não havia reis, esta ilha não tinha ninguém. um dia, passou por estes mares um barco, que transportava um deus em veraneio na companhia das suas filhas. vieram à ilha e ficaram surpreendidos por só ter pedras e as pedras e as pedras serem tão belas. largaram âncora e resolveram passar ali alguns dias.

Pausa.

mas esta ilha não era assim tão deserta. é certo que não havia ninguém nem se viam bichos, só pedras e o mar em volta.
mas nesta ilha havia um bicho, ou melhor, uma fera: era um enorme lagarto com escamas azul eléctrico, um colar de fogo à volta do pescoço, e a língua rosa mais rosa e mais bela que imaginar se pode. às vezes, saía do seu antro e vinha para cima das pedras receber a luz e o calor do sol que ele, lá no seu íntimo, julgava ser seu pai. não fazia mais nada senão receber o sol ou enroscar-se no seu antro. assim, uma vez em que apanhava sol, apareceu-lhe a filha mais velha do deus, que logo se apaixonou pela sua língua, uma paixão tal, uma embriaguez tão possante que não foi difícil ao lagarto, que também ficara tocado pela beleza da jovem, levá-la de imediato para o seu antro.

Pausa.

ora também havia, nos mares que circundavam a ilha, outro bicho, ou melhor, outra fera: uma enorme serpente do mar com uma pele luzidia verde-azulada com estrias prateadas, tendo no cimo da cabeça um magnífico corno púrpura. de tempos a tempos, trepava para

uma pedra salpicada do mar e deliciava-se um pouco com o sol. assim, num desses momentos, apareceu-lhe a filha mais nova do deus, que logo se apaixonou pelo seu corno, uma paixão tal, uma embriaguez tão possante que não foi difícil à serpente, que também ficara tocada pela beleza da jovem, levá-la de imediato para as profundezas do mar.

Pausa.

assim, de um dia para o outro, viu-se o deus sem as suas duas filhas. amargurado, amaldiçoou esta ilha e partiu no seu barco para longe, para outras águas. porém, não se sabe, duvida-se mesmo, que essa maldição do deus tenha resultado, ou se foi realmente uma maldição, pois que nenhuma fatalidade aqui se passou.

Pausa.

o lagarto e a filha mais velha do deus tiveram uma vasta prole. o mesmo aconteceu com a serpente e a filha mais nova do deus. as duas proles em breve se apaixonaram pelas belezas uma da outra e foram-se fundindo sucessiva e ininterruptamente. assim nasceu o reino desta ilha.
em mim, portanto, misturam-se sangues divinos de mulher, lagarto e serpente.

JONAS - porque inventas histórias, Max?

MAX - gosto de contar histórias, Jonas.

MAX fica parado, encostado ao parapeito.

acredito, sinto neste corpo todo, que é salutar fabricar lendas, histórias, exercícios
do raciocínio no tecido de todos os dias: a lenda pela lenda, a história pela história,

o raciocínio pelo raciocínio: a arte pela arte: o corpo pelo corpo: o exercício pelo exercício.

JONAS - quando te apaixonas, é também a paixão pela paixão?

MAX - poderia ser, se eu me apaixonasse. apaixonei-me algumas vezes no passado. agora deixei-me disso. gosto das coisas, muito simplesmente.

Pausa - *MAX acende um cigarro, com um isqueiro.*

a paixão demarca um caminho muito certo, demasiado rígido e preciso, embora possa ser terrivelmente explosivo, durar eternamente ou estoirar em três tempos, mas é aquilo, apenas aquilo, uma terrível obsessão.
das vezes que me apaixonei, senti-me possuído por uma insuportável angústia, porque em tudo via, apenas, o objecto do meu desejo, e já não era capaz de sentir a beleza do mar, dos corpos, das pedras e dos bichos.

MAX atira o cigarro para o chão e pisa-o suavemente. Fica por uns instantes a olhar para a beata esmagada.

tenho de sentir a beleza de tudo; tenho de amar tudo, digamos, ao mesmo tempo.

JONAS - tudo por tudo.

MAX - exacto: tudo por tudo.

JONAS - é um traço de união.

MAX - entre quê?

JONAS - entre nós, entre tudo.

MAX - além de outros traços.

JONAS - é claro: a tua lucidez.

MAX - a tua beleza.

Entra o CRIADO.

CRIADO - o senhor Jonas prefere cerveja?

MAX - sim, ele deve preferir cerveja.

JONAS - sim, prefiro...

O CRIADO sai.

JONAS - como é que ele se lembrou da cerveja?

MAX - o meu criado está sempre atento aos desejos de todos os meus convidados, e encontra-se apto a realizá-los.

JONAS - nunca me imaginei com criados a servir-me.

MAX - que fizeste antes de ser marinheiro? creio que ainda não perguntei isto.

JONAS - trabalhava numa fábrica. um dia, parti. estava farto.

MAX - não imaginava que um proletário pudesse virar marinheiro. imagino, acredito agora. mas não o contrário: não acredito que um marinheiro possa vir a ser um proletário.

JONAS - depois de ser marinheiro, não se pode ser mais nada. que haveria de ser um marinheiro depois de sê-lo?

Entra o CRIADO. Traz uma bandeja. Na bandeja uma caneca de cerveja. Dirige-se a JONAS e poisa a caneca na mesa 2.

JONAS - obrigado.

CRIADO - o que é que agradece? os desejos são seus. e eu apenas um servidor.

O CRIADO sai.

MAX - não deves agradecer ao meu criado. ele existe apenas porque existem os nossos desejos. são também os desejos dele.

JONAS - gosto do teu reino, Max.

JONAS pega na caneca de cerveja e bebe. Volta-se de costas para o público, de frente para o mar. Poisa a caneca no parapeito.

JONAS - comecei a beber cerveja quando trabalhava na fábrica. bebia muita, mesmo muita cerveja.
mas aí ainda não gostava dela. não gostava da cerveja. nem sei se gostava da embriaguez. gostava apenas porque, bebendo muita, muita cerveja, anestesiava as minhas amarguras. porque eu tinha amarguras.
há sempre amarguras numa fábrica.
só depois, quando me fiz ao mar, comecei a gostar da cerveja. bebia aquela espuma, aquela força dourada, e era o que estava à minha volta, a espuma das ondas, o círculo do sol; parecia-me sentir, entre eu que bebia e o que estava à minha volta, uma perfeita união.

MAX - a fusão dos elementos.

JONAS - sim. e agora amo a cerveja.

JONAS volta-se de frente para o público, de costas para o mar, encostado ao parapeito.

MAX - é preciso amar coisa por coisa, uma a uma, pacientemente. o mundo é enorme mas nós somos feitos à medida dele. tu, que és marinheiro, não sentes isso?

JONAS - é principalmente o mundo que é feito à nossa medida.

MAX - ou isso.

(pequena pausa)

Jonas, leva-me para o mar!

JONAS - porquê? não gostas do teu reino? e ainda agora me trouxeste para cá...

MAX - não é um pedido urgente. é só porque acredito que o mar me reserva muitas surpresas.

JONAS - no mar há tudo.

MAX - é isso. é por isso que digo que um dia tens de levar-me.

JONAS - talvez.

MAX - porquê talvez?

JONAS - não façamos compromissos, Max.

MAX - sim, tens razão: nada de compromissos.

(pequena pausa)

às vezes acontecem-me estas coisas. uma espécie de crescendo de emoções, uma necessidade súbita de projectos ou de compromissos, desejos súbitos que irrompem sem que eu os possa controlar. chamo a isto falhas, falhas no comportamento que desejo ter, comportamento que eu construo desde há muito tempo, desde que decretei não me chamar Maximiliano mas apenas Max.
estas falhas perturbam-me.

MAX senta-se

JONAS - porque hão-de perturbar-te? essas falhas também podem ser uma coisa para amar.

MAX - talvez... mas não gosto que nada altere a minha lucidez. pedir-te que me leves para o mar, que me leves contigo, não tem nada de lúcido. que interesse tem isso agora? agora a única lucidez é gozar a circunstância de que dispomos: um rei e um marinheiro no reino do primeiro.

MAX levanta-se da cadeira em que se sentou.

MAX - toda esta circunstância: o mar, o sol, o teu corpo. aí está o gozo: só aí pode estar a lucidez.

JONAS bebe o resto da cerveja.

JONAS - dizem que sou belo, mesmo muito belo. houve mesmo marinheiros que me disseram ser demasiado belo; quando andávamos no mar por muito tempo, quando o cio começava a gretar a pele tanto como o sal, queriam tomar-me como fêmea. alguns, os que tinham mais entranhado o cheiro do mar, aceitei. mas nunca tive a certeza se isso era apenas motivado pelo cio, ou se pela minha beleza.
sou realmente belo?

MAX - a tua beleza fascina-me ao ponto de desejar fazer lendas à volta dela.

JONAS - aí está: fazer uma lenda da minha beleza. queres fazê-la, Max?

MAX - fala da tua beleza.

MAX senta-se na cadeira em que se sentou no início, voltado para o mar. Acende um cigarro (com fósforos). JONAS anda de um lado para o outro, calmamente

MAX - diz-me
os pássaros que tens
os passos que deste
para que te cubra de beijos
e de certas conchas
que nas praias
do mar aparecem
e ainda de paisagens
filosóficas imundas
e belas
e talvez acredites que há em mim
senão uma sinceridade
pelo menos uma obsessão
de eternidade.

Pausa - *ouve-se, por curtos instantes, o som longínquo do mar.*

JONAS continua a andar de um lado para o outro, calmamente.

JONAS - há três coisas, no meu corpo, que eu vejo particularmente belas.

MAX atira o cigarro ao chão e pisa-o suavemente.

JONAS - a primeira é os pés. são magros e notam-se os nós muito salientes. e a cor deles, coberta da cor de todos os caminhos e de todos os ventos. e a sola deles como os cascos de um touro, calejados por todas as andanças.

a segunda coisa é a superfície em redor do meu umbigo, a pele da cor do bronze, um fio de pelos que sobe para o umbigo, um fio de pelos frágeis mas espessos.
a terceira coisa é as mãos. grandes, ossudas, torradas pelo sol e pelo sal: mãos feitas para tudo, principalmente para grandes gestos.

Pausa.

além disto, acho que de facto sou belo. mas isso acontece pelo que os outros vêem em mim, não propriamente pelo que eu vejo.
havia, por exemplo, uma mulher, uma negra que conheci em mares distantes, que adorava as minhas nádegas, a sua brancura, dizia ela, um pouco rosada, e passava tempos inesquecíveis a beijá-las e a lambê-las.
outro, o capitão do último barco em que estive, adorava o meu membro e os pelos que o cercam, gostava do desenho que os pelos fazem, dizia que isso era a fonte divina que lhe aplacava a ira.

Pausa.

por esses pormenores, e por mim inteiro, sou belo.

MAX - és belo. se o não fosses, nunca te traria comigo.

JONAS - só o que é belo te interessa?

MAX - só o belo me dá prazer.

JONAS - há coisas que não são belas e no entanto dão prazer.

MAX - que coisas? custa-me a crer.

JONAS - posso falar-te de uma.

JONAS aproxima-se do parapeito. Encosta-se a ele, olhando para o mar, para o mar, à direita de MAX.

JONAS - foi longe daqui. numa terra quente.

tinha-me deitado na areia, numa praia bastante extensa, à hora do sol mais forte. estava nu. despira as roupas porque me apetecia estar deitado debaixo do sol. com o calor não podia suportar uma única peça de roupa. também, é claro, sempre me deu prazer estar nu: o instinto da minha beleza.
depois de ali estar bastante tempo, ouvi passos na areia e ergui um pouco a cabeça para ver quem era. a princípio, vi mal, porque tinha olhos ofuscados pelo sol. depois, vi uma velha, com uma cor indefinida, talvez parda, totalmente nua com a pele extremamente enrugada, careca e com o crânio arroxeado cheio de feridas peçonhentas. a velha aproximou-se de mim. parou mesmo ao meu lado e ajoelhou-se. abriu a sua boca desdentada e fétida num riso que me arrepiou. depois, subitamente, abocanhou-me o membro e lambeu-o devotamente.

Pausa.

quando penso nisto, sinto uma espécie de náusea. mas, no momento, senti um imenso prazer, um prazer que nunca tinha sentido.

MAX - aí está um esplêndido dado que me forneces para fabricar a tua lenda.

JONAS volta-se de frente para o público, de costas para o mar, permanecendo encostado ao parapeito.

JONAS - e para te fazer acreditar que, no fundo, o prazer não tem nada a ver com a beleza.

MAX - para mim, o prazer é concedido através dos artifícios da beleza. os outros, os prazeres que não passam por esse filtro, esqueço-os

JONAS - falas apenas de formas de culto. o prazer não tem nada a ver com isso. o prazer é só um momento, um roçar, uma passagem...

MAX - e a beleza?

JONAS - a beleza é só um instrumento que criamos para tornar inefável o prazer. a beleza é uma mentira. podes dizer-me que sou belo. acredito. também digo isso de mim mesmo. mas onde está essa beleza no momento em que nos tocamos, em que nos penetrámos? onde está ela? está em mim? está em ti? não. muito simplesmente ela não existe. o que existe é só o prazer de nos penetrarmos. mais nada. depois disso, não há mais prazer. e aí aparece de novo a beleza: para nos compensar do prazer que dispendemos.

MAX - para criar um prazer artificial, é o que tu dizes.

JONAS - é isso: a beleza faz parte dos paraísos que se inventam.

MAX - mas eu sou um fabricante de lendas. não me posso contentar com isso. tenho de acreditar que o falso é, na verdade, o único caminho para o prazer, senão o único, então o supremo.
sabes, Jonas? preciso de acreditar em coisas supremas.

JONAS - quando navegamos à superfície das águas, aprendemos a acreditar em coisa mais simples. se acreditarmos nas supremas, corremos o risco de afogar-nos.

MAX - talvez seja isso: há entre nós uma diferença de elementos. mas essa diferença também é bela, ou provoca entre nós uma profusão de beleza

JONAS - como queiras... és incorrigível.

MAX - tenho uma vocação de esteta.
(pequena pausa)

vou confessar-te uma coisa, Jonas: se eu tivesse um imenso poder, poder sobre tudo, só as coisas e as criaturas belas teriam direito à vida. faria uma nova e definitiva selecção de todas as espécies. tudo o que fosse feio, não teria o menor escrúpulo em matar.

JONAS - a ditadura do olhar.

MAX - chama-lhe o que quiseres.

JONAS - afinal, és rei. porque não lanças a tua ditadura, pelo menos nesta ilha? pelo que observei, há gente do teu povo que nada tem de belo, e no entanto são os teus súbditos. estão à tua volta. não podes olhar para eles.

MAX - e na verdade não olho... ou evito o olhar.

JONAS - então porque não lanças a tua ditadura?

MAX - é a lucidez que me impede.
devo ser apenas um anónimo coroado. devo preservar a minha lucidez e o meu lugar, aqui e agora.
no fundo, o que tenho é medo de impor a minha sombra ao desenrolar da história dos homens. ao mesmo tempo que preservo a minha lucidez, devo preservar o meu sonho, e devo preservá-lo secretamente, só com a cumplicidade de alguns.
se algum dia impuser essa ditadura, sei que será o início da minha perdição, isto é: lá se foi a lucidez!
é uma aposta terrível, esta, de ser rei como eu. por isso, às vezes suponho que seria melhor ser um simples anónimo, com o seu tempo e o seu lugar, com direito à sua lucidez e aos seus devaneios. mais nada. mas seria uma coisa concreta.
o rei tende sempre a tornar-se um corpo abstracto. e o peso de uma atitude lúcida ou de um gesto tresloucado atingem uma gravidade extrema.

(pequena pausa)

não sei quem sou: sinceramente, é isso que por vezes o rei imagina.

JONAS começa a andar, lentamente, de um lado para o outro, com as mãos enterradas nos bolsos.

JONAS - eu sou todos os lugares e todos os tempos.

Pausa - *ouve-se por curtos instantes, o som longínquo do mar. MAX estremece. Volta-se para JONAS. Vai a falar. Detém-se. Levanta-*

-se da cadeira, encosta-se rapidamente ao parapeito, inclinado para o mar. Depois, volta-se, dá uns passos na direcção de JONAS. Pára.

MAX - sabes, Jonas? esta coisa da lucidez é uma teimosia... na verdade, sinto-me cada vez menos lúcido... cada vez menos... preciso de confessar-te uma coisa...

MAX senta-se numa cadeira de costas para o mar, de frente para o público.
JONAS fica parado, a olhar para MAX.

MAX - o que me fascinou, direi mesmo: o que me deixou louco de alegria, quando te conheci, não foi a tua beleza, mas sim teres acedido imediatamente aos meus desejos.

(pequena pausa)

sempre desejei um marinheiro.

JONAS - pois bem: tiveste-o. ainda o tens. qual é o problema?

MAX - quero tê-lo para sempre.

JONAS aproxima-se do parapeito, poisa nele as mãos, fica a olhar para o mar.

JONAS - dentro de pouco tempo, vou partir.
mundo é enorme e, além disso, não posso estar muito tempo no mesmo sítio.
não me peças para levar-te comigo, porque isso impossível.
acabo de constatar que os reis são todos iguais e que não posso ter um rei ao meu lado.

MAX - não fales de reis. O meu caso é apenas o de um homem apaixonado.

JONAS volta-se de frente para o público, de costas para o mar, ficando encostado ao parapeito.

JONAS - há um terrível semelhança entre um rei e um homem apaixonado: para ambos, só é importante a posse.

MAX - não te apaixonas?

JONAS - sou marinheiro.

JONAS afasta-se do parapeito, enterra as mãos nos bolsos e encaminha-se para sair.

JONAS *(ao mesmo tempo que sai)*
para quê apaixonar-me? O mundo é tão grande e eu sou o mundo inteiro...

JONAS sai.
MAX acende um cigarro, nervoso (com um isqueiro). Levanta-se da cadeira, põe-se a andar de um lado para o outro. Por vezes, pára, e fica a olhar para o mar. Por fim, senta-se na cadeira do início, voltado para o mar, de costas para o público. Atira o cigarro ao chão e, irritado, esmaga-o com força com um dos pés.
Bebe um bocado do conteúdo vermelho do copo. Pára, com o copo na mão. De súbito, atira o copo ao chão, fazendo escorrer o líquido vermelho.
Neste preciso momento, a MÃE entra.

MÃE - Max!

MAX - cala-te!

MAX levanta-se intempestivamente da cadeira em que está sentado, precipita-se para a porta, e sai.

MÃE - Max!...

A MÃE dá uns passos, confusa, e acaba por se sentar numa cadeira da mesa 2, de costas para o mar, de frente para o público. Acende um cigarro (com fósforos) e fica muito calma, olhando para o público fixamente. Um tempo.

Entra o CRIADO.

CRIADO - senhora, o jogo está pronto.

MÃE - ah... sim, o jogo...

O CRIADO sai.

A MÃE atira o cigarro ao chão e pisa-o nervosamente. Levanta-se e fica em pé, olhando para a porta, na expectativa.

Entra de novo o CRIADO, trazendo um manequim vestido como MAX.

Coloca o manequim, em pé , a poucos passos da MÃE. O CRIADO senta-se, numa pose rígida, numa cadeira da mesa 3, de frente para o público, de costas para o mar.

(Na cena que se segue, o CRIADO, sempre na sua pose rígida, falará pelo manequim e a MÃE falará sempre para este, para o manequim.)

MÃE - ainda bem que vieste, Max.

CRIADO - não podia deixar de vir, minha mãe. sempre que me chamas eu venho.

MÃE - eu sei, Max. estamos sempre unidos.

A MÃE aproxima-se do parapeito, poisa nele as mãos, e fica a olhar o mar.

MÃE - lembras-te quando íamos para a praia, ainda eras um um miúdo, e eu ajudava-te a construir castelos de areia?

CRIADO - nunca me esqueci.

MÃE - ensinei-te a nadar.

CRIADO - também me lembro.

MÃE - ensinei-te a amar o sol, a areia , o mar.

CRIADO - lembro-me de tudo.

MÃE - lembras-te de quando te enterrava na areia? às vezes, choravas... eras muito impaciente ... depois, libertava-te. paravas de chorar e abraçavas-me...

CRIADO - lembro-me tudo.

MÃE - uma vez, beijei-te na boca...ainda eras um miúdo ... nunca te tinham beijada na boca... ficaste a olhar para mim muito espantado. disse-te que não devias ficar espantado, porque era assim que faziam as pessoas que se amavam. sorriste. lembro-me do teu sorriso ... eras feliz, muito feliz... abraçaste-me com força.

CRIADO - lembro-me de tudo.

MÃE - depois voltámos para casa e eu dava-te banho ... lavava-te ... esfregava suavemente o teu corpo ... tu rias ... ainda eras miúdo. depois, cresceste. tiveste vergonha. e eu deixei de dar-te banho. foi talvez a primeira vez que sofri. mas compreendi . é normal que se tenha vergonha nessas alturas ...

aparecem os pelos, toma-se consciência do corpo que se tem, do sexo que se tem ... é normal ...

CRIADO - lembro-me de tudo.

MÃE - depois , apareceu aquele jovem místico. apaixonaste-te por ele. não me abraçavas, não me beijavas, não falavas comigo. só a ele vias. depois, ele foi-se embora. desapareceu subitamente. ficaste triste. aproximei-me de ti. voltaste abraçar-me .... choraste muito abraçado a mim ...

CRIADO - mas foste tu que fizeste desaparecer o jovem místico!

A MÃE volta-se de repente para o CRIADO, movida por uma súbita fúria.

MÃE - cala-te! isso não está em jogo.

CRIADO (*sem alterar a sua pose rígida*)
peço desculpa, senhora. temo que me tenha deixado levar pela emoção.

MÃE - nada de emoções! as emoções são comigo. a ti compete a perfeita execução do jogo que ordenei.

CRIADO - sim, senhora.

A MÃE retoma a sua posição, a olhar para o mar, as mãos poisadas no parapeito.

MÃE - depois da partida do jovem místico, fomos muito felizes. não fomos, Max?

CRIADO - fomos, mãe.

MÃE - andávamos sempre juntos. abraçavas-me muitas vezes.

CRIADO - lembro-me de tudo.

MÃE - às vezes, o teu desgosto era insuportável. quando me abraçavas, choravas. e eu consolava-te: dizia-te que nada mais interessava desde que nós estivéssemos unidos.

CRIADO - e nós estávamos unidos.

MÃE - levei-te à ópera e ensinei-te a amar aquele mundo: aquela música, aquelas vozes, aqueles artifícios, aqueles dourados... começaste a insistir, por essa época, que te chamassem Max e não Maximiliano. consenti, porque sentia que estávamos muito unidos. e tu, além de amares a ópera, começaste a tocar piano, a pintar, a escrever poemas maravilhosos. vi que em ti desabrochava, magnífica e quase resplandecente, a alma de um artista... ah, Max! foi então que comecei a amar-te!

CRIADO - lembro-me de tudo.

A MÃE volta-se. Afasta-se do parapeito e aproxima-se do manequim que imita MAX

MÃE - e houve uma noite em que te embebedaste. ficaste totalmente inconsciente. levei-te para o meu quarto. despi-te. olhei para o teu corpo nu e senti uma enorme vertigem. caí sobre o teu corpo. toquei-o, beijei-o, percorri-o... o que eu queria era engoli-lo.

Pausa - *a MÃE pára a dois ou três palmos do manequim.*

MÃE - na manhã seguinte, quando acordaste, não te lembravas de nada. eu também nada te contei.

Pausa - *ouve-se, por breves instantes, o som longínquo do mar.*

MÃE - mas a partir desse dia deixei de sentir que estávamos unidos. e, em vez de assistir ao crescimento e à pujança do artista que amava, assisti apenas à sucessão, mais ou menos intempestiva, dos teus devaneios.

A MÃE volta para o mesmo lugar, as mãos apoiadas no parapeito, de frente para o mar, de costas para o público.

MÃE - consentes que te chame Maximiliano?

CRIADO - claro, a ti consinto tudo. és a única coisa que existe no mundo. és o meu único amor.

MÃE - ah, Maximiliano, eu sabia que recuperarias a razão!...

CRIADO - por ti, recuperarei tudo. em ti acumulo todos os meus desejos.

MÃE - ah, Maximiliano!...

Pausa - *ouve-se, por breves instantes, o som longínquo do mar.*

A MÃE volta-se, subitamente, e aproxima-se do manequim num passo decidido.

MÃE - mentes!

E, num repentino acesso de fúria, dá-lhe uma violenta bofetada. A cabeça do manequim, com a violência do golpe, separa-se do corpo e cai no chão, perto do parapeito. O corpo do manequim vacila um pouco, mas permanece em pé, hirto e decepado. A MÃE solta um grito e sai a correr.

O CRIADO levanta-se, apanha a cabeça do manequim e atira--a para lá do parapeito, para o mar.
Depois, volta a sentar-se na mesma cadeira. Abandona a sua posse rígida, traça a perna , e, calmamente, acende um cigarro (com um isqueiro prateado e reluzente).

CRIADO - aproveito a ocasião, que acho excelente, para dizer umas palavras. poucas.

O CRIADO tira de um bolso duas folhas de papel dobradas. Desdobra-as.

CRIADO - vou ler dois excertos de duas cartas...

(lê:)

acabaríamos por ser, se o quiséssemos, senhores de um mundo, ou do mundo inteiro, porque sentíamos que as coisas, todas as coisas, sem que nos pertencessem apresentavam-se-nos, expunham-se-nos, totalmente submetidas ao nosso jogo de gestos, visões e instintos. isto está aqui para nós, costumavas tu dizer.

(pausa - *pega na segunda folha e lê:)*

reparo habitualmente na minha ausência de humildade: é quando de dois passo a um, quando fico apenas eu. só eu sou, poderei ser, o senhor de um mundo senão do mundo inteiro. e, se alguém falar, sou apenas eu, de mim para mim mesmo, e poderei dizer, como tantas vezes disse: isto está aqui para mim.

O CRIADO dobra as folhas de papel, e mete-as no bolso. Atira o cigarro ao chão e, levantando-se, pisa-o suavemente.

CRIADO - acabei de ler dois excertos, de duas cartas escritas por mim, e endereçadas a MAX, o meu senhor.

O CRIADO pega no manequim e sai.

A cena fica deserta.
Um tempo mais ou menos longo: ouve-se o som do mar, já não tão longínquo, e bastante forte.

Depois, entra de novo o CRIADO.
Traz uma bandeja, com uma garrafa de gin, dois copos, duas garrafas de água tónica e um pequeno balde com gelo. Dirige-se à mesa 2 e coloca isso sobre ela. Em seguida, recolhe, na bandeja que já lá estava (na mesa 1) , o jarro de conteúdo vermelho e a caneca de cerveja que JONAS bebeu; recolhe também o copo, ou os cacos, que MAX atirou ao chão. Fica a olhar, por momentos, para o líquido vermelho que formou uma pequena mancha no chão. Pegando nesta bandeja, dirige-se para a porta e sai.
A cena fica de novo deserta.
Um tempo menos longo que o anterior: ouve-se o som do mar, de novo longínquo.

Depois, entra MAX.
Calmamente, com uma mão no bolso, entrando já a fumar um cigarro, caminha diante das mesas, chega ao extremo direito, pára. Fica voltado para a porta, com o olhar fixo nela.
Um tempo.
Entra JONAS. Pára depois de transpor a porta, a olhar para MAX.
Ficam a olhar um para o outro.
Tempo breve.

MAX *(antes de começar a falar, atira o cigarro ao chão e pisa-o com suavidade)*
ainda bem que vieste. não vou voltar a incomodar-te com a minha lucidez, nem com as minhas falhas. não vou pedir- te nada, nem dar-te qualquer justificação. apenas quis que viesses.

JONAS - e vim.

(dirige-se ao parapeito, encosta-se a ele, de costas para o mar, olhando para MAX)

embora não seja dado a paixões, quero que saibas que compreendo perfeitamente o que diz e o que faz um apaixonado.

MAX - não estou apaixonado. ou melhor: ultrapassei a minha paixão. sublimei-a - creio que é o termo adequado.

JONAS - tão depressa?

MAX - há coisas em que o tempo não conta.

JONAS - não será uma artimanha da paixão? uma paixão não morre assim, de um momento para o outro.

MAX - há pouco, expressei o desejo de não falar de lucidez. mas a tua observação obriga-me a dizer que a recuperei. sim, recuperei a lucidez. subitamente, como um clarão, um relâmpago, a lucidez iluminou o meu corpo.

JONAS - a luz da lucidez é forte?

MAX - não ironizes; sabes bem que é uma maneira de falar.

JONAS - está bem. esquece.

MAX - não estou apaixonado, nem te chamei para falar de paixões.

Entra o CRIADO. Dirige-se à mesa 2 e serve o gin nos copos: deita um pedaço de gin em cada copo, poisa a garrafa; com a pinça apropriada tira do balde duas pedras de gelo para cada copo; abre as garrafas de água tónica e deita uma pequena porção em cada um.
Enquanto o CRIADO executa, MAX passeia de um lado para o outro, calmamente, as mãos nos bolsos; e JONAS observa o CRIADO. Finda a execução, O CRIADO sai.

MAX dirige-se à mesa 2, pega nos dois copos, aproxima-se de JONAS, entrega-lhe um.

MAX *(dando o copo a JONAS)*
ao meu reino! que, afinal, é sempre belo...

MAX afasta-se de JONAS e senta-se numa cadeira da mesa 3, voltado para JONAS, quase de costas para o público.
(Ambos vão bebendo, espaçadamente, o gin).

MAX - estou disposto a encarar definitiva e frontalmente a minha verdadeira vocação: agarrá-la como se agarram os cornos de um touro.

Pausa.

falo da minha vocação de soberano e da minha vocação estética. até agora, desprezei a primeira, concordo que um tanto ingenuamente, porque acreditava que um homem lúcido, ou a lucidez que eu devia alcançar, eram incompatíveis com o facto do poder, com o facto de exercer esse poder sobre as criaturas, que me pertencem como senhor que sou deste reino e de tudo o que existe nesta ilha. é claro que isto se deve a certas influências nocivas que fui sofrendo durante a minha vida, principalmente da minha mãe e do jovem místico por quem me apaixonei. acho francamente odiosa a

participação da minha mãe nesta história. uma sentimental, atormentada por uma moral que lhe impede realizar o seu máximo desejo, e que, no fim de contas, é bem simples: o de fornicar comigo. uma idealista grosseira, que me incutiu certos ideais de paz e de boa convivência social. conseguiu desviar-me da minha vocação.

JONAS - e o jovem místico?

MAX - foi também uma influência nociva, mas não tanto como a de minha mãe. somente conseguiu que eu me tornasse contemplativo de tudo e especulativo de nada: simples defeitos que se corrigem, ou que se moldam.

JONAS - e a influência da tua mãe? corrige-se? molda-se?

MAX - não. é necessário aniquilá-la.

JONAS - aniquilaste-a?

MAX - definitivamente.

JONAS - foi rápido.

MAX - em simultâneo com a recuperação da minha lucidez.

JONAS *(irónico)*
ah! a luz...

MAX - sim. a luz.

JONAS põe-se a andar ao longo do parapeito, olhando para o mar, parando de vez em quando, enquanto MAX vai falando.

MAX - quanto à minha vocação estética, acho que sempre foi reprimida. sentia dentro de mim um novelo indefinível, ao qual nunca consegui dar forma. toquei piano, fiz desenhos, escrevi poemas, mas era tudo, senão uma grandessíssima merda, pelo menos uma enorme frustração. nada era aquilo que eu sentia que devia fazer. nada tinha a ver com o novelo que não parava de crescer dentro de mim. nada.
por fim, compreendi que aquilo que sempre impediu essa vocação estética foi o desprezo a que sempre votei a minha vocação de soberano. compreendi que, proclamando-me soberano absoluto, serei um esteta divino. a minha vocação não é apenas a de soberano, nem apenas a de esteta; a minha vocação são as duas numa só, porque não posso realizá-las separadamente; sem ser uma coisa não poderei ser outra.

JONAS pára, no extremo direito do parapeito.
MAX enche de novo o seu copo de gin. Põe-lhe mais uma pedra de gelo. Não põe água tónica. Bebe de imediato um bom pedaço.

JONAS fica a olhar para MAX, encostado no extremo direito do parapeito, de costas para o mar.

MAX - são estas duas vocações numa só que eu estou disposto a encarar definitiva e frontalmente. estou decidido a actuar. estou decidido a construí-la.

Pausa.
já actuei.

falaste da ditadura do olhar: é um nome que me agrada.
acabei de instaurar essa ditadura: acabei de ordenar aos meus guardas que assassinassem todos os feios, homens e mulheres, deformados e inválidos, existentes no meu reino.
daqui a pouco, eu próprio irei por toda a ilha, seguido desses guardas, e destruirei o que restar da fealdade.

Pausa.

disseste bem, Jonas: a ditadura do olhar.

MAX esvazia o copo de gin.
Levanta-se da cadeira em que está sentado e aproxima-se do parapeito. Fica muito quieto, a olhar para o mar, em pé, de costas para o público.
JONAS continua a olhar para ele, no extremo direito do parapeito.

MAX - esse jovem místico ensinou-me que nada se deve agarrar, nada deve ser possuído, nem devemos correr atrás de nada ou esperar por alguma coisa, porque nós somos tudo, nós somos o universo inteiro. ensinou que apenas interessa conhecer e penetrar, através do nosso corpo, o universo que nós somos.

(para JONAS)

mentiras. só mentiras sobre. só conhecemos e só penetrámos quando possuímos.
decididamente, só a posse me interessa. só possuindo posso impôr a todas as coisas a marca da minha beleza.

JONAS aproxima-se, ao longo do parapeito, da mesa 2. Enche o seu copo de gin. Não lhe põe gelo nem água tónica. Dá uns passos, a olhar para o mar. Senta-se numa cadeira da mesa 1, na cadeira em que MAX se sentou no início, de frente para o mar, de costas para o público. E JONAS vai bebendo.
MAX permanece na mesma posição, também de costas para o público, de frente para o mar, em pé, muito direito, as mãos apoiadas no parapeito.

(Um tempo. Durante os gestos de JONAS e a respectiva imobilidade de MAX, ouve-se o som longínquo do mar).

JONAS - disseste que o máximo desejo da tua mãe é fornicar contigo.
senão o máximo, não será pelo menos o mínimo dos teus desejos?

MAX volta-se para JONAS.

MAX - que queres dizer?

JONAS - nunca desejaste fornicar com ela?

MAX - nunca.

JONAS - porquê? é feia? é demasiado bela?

MAX - que queres dizer com isso?

MAX vai-se aproximando lentamente, ao longo do parapeito, de JONAS.
JONAS permanece na mesma posição, a olhar para o mar.

JONAS - faço perguntas.

MAX - que queres insinuar com as tuas perguntas?
JONAS - que ainda não recuperaste a lucidez.

MAX - e que mais?

JONAS - que a tua vocação é a de fugires de ti mesmo, cada vez mais

MAX - e que mais?

JONAS - que ainda continuas apaixonado, confusamente apaixonado.

MAX - por quem?

JONAS - por ninguém. apenas por tudo aquilo que não consegues ser nem consegues tocar.
no que me toca, nunca estiveste apaixonado por mim. encontraste-me. acedi de imediato aos teus desejos. fornicámos. e desejaste imediatamente que eu te pertencesse. quiseste desde logo um corpo à tua disposição, para sempre rendido aos teus devaneios e à lucidez que nunca tiveste.

MAX - e que mais?

JONAS - *(irónico)*
mentiras. só mentiras sobre mentiras.

MAX está perto de JONAS. Treme, mas faz um esforço enorme para não o demonstrar.
Entra o CRIADO, calmo. Pára à porta. E chama:

CRIADO - Max!

Nota-se em MAX um sobressalto. Volta-se para o CRIADO, encostando-se ao parapeito. JONAS não se mexe: continua a olhar para o mar.
O CRIADO dá uns passos, pára perto da mesa 2.

CRIADO - a tua mãe acaba de dar um tiro nos miolos.

Pausa - *ouve-se, por breves instantes, o som longínquo do mar.*

MAX *(tremendo um pouco mais mas, fazendo um esforço ainda maior, tentando manter-se ainda maior, tentando manter-se ainda mais imperturbável)*
há quanto tempo?

CRIADO - há três minutos e vinte segundos que está definitivamente morta.

MAX - lancem-na ao mar.

O CRIADO dá meia volta, dirige-se para a porta. Antes de sair, volta-se para MAX.

CRIADO - já não há obstáculos.

MAX - eu sei. está tudo limpo.

O CRIADO sai.

MAX deixa de tremer e de fazer esforço algum para o impedir. Dirige-se, calmamente, à mesa 2, e enche de novo o seu copo de gin. Põe-lhe uma pedra de gelo. Não põe água tónica. Bebendo, aproxima-se do parapeito e fica a olhar para o mar.

JONAS permanece na mesma posição.

MAX - acabarei por enviar navios e levar a minha vocação além--mar.

JONAS - acabarás por naufragar.

MAX *(subitamente irado e trémulo)*
cala-te!

Mas imediatamente MAX recupera a calma

JONAS - não posso calar-me.

MAX - esta é a minha terra, o mais belo dos reinos!

Um tempo: ouve-se o som longínquo do mar.

MAX volta-se, de frente para o público, de costas para o mar, encostado ao parapeito. Segura o copo na mão direita. Bebe espaçadamente.

MAX - à minha volta, só as pedras e as criaturas belas. sobre mim, o sol. à volta de tudo, o mar. pelo meio, de tempos a tempos, passam alguns bichos coloridos e guerreiros.
é um bom cenário: poderá chamar-se Max o lúcido.

JONAS - fazes a tua lenda. esqueces-te que era a minha que devias fazer.

MAX - também farei a tua.

Súbito, JONAS levanta-se, olha para MAX.

JONAS - não espero. vou embora.

MAX volta-se de novo de frente para o mar, de costas para o público. Poisa o copo no parapeito. Cruza os braços sobre o peito e fica a olhar para o mar.

JONAS, calmamente, dirige-se para a porta, sem olhar para MAX, sem olhar para o público, e sai.
Por breves instantes, ouve-se o som do mar, não longínquo, mas muito próximo e forte.
Silêncio.

Ouve-se um tiro, disparado para lá da porta.
Silêncio.
Por breves instantes, ouve-se de novo o som do mar, mas de novo longínquo, muito longínquo.
Silêncio.
MAX manteve-se sempre na mesma posição, absolutamente imóvel.

Entra o CRIADO, guardando um revólver num bolso interior do seu casaco.

CRIADO - está feito, Max.

MAX - *(ainda na mesma posição)*

quero que o seu corpo seja devidamente lavado e depois embalsamado. quero todos os ídolos do templo destruídos, o templo limpo, e nele colocado, apenas, o belo corpo embalsamado de Jonas.

CRIADO - assim será feito, Max.

MAX bebe o resto do gin que tem no copo.
Depois, volta-se para o CRIADO, de costas para o mar.

MAX - bebe um copo de gin.

CRIADO - não, Max.

(tira uma pequena garrafa de whisky de um dos bolsos do casaco)

prefiro o meu whisky.

MAX - como queiras.

O CRIADO desarrolha a garrafa, bebe um pedaço, limpa a boca com a mão. Guarda a garrafa no bolso.

CRIADO - e agora?

MAX - os guardas esperam-me. vamos separar o trigo do joio.

CRIADO - metáfora muito pesada...

MAX - enfim... destruir a fealdade.

MAX dirige-se decidido para a porta e sai.
O CRIADO, rápido, tira de novo a garrafa do bolso, bebe um pedaço, guarda a garrafa, e sai também.

Cai o pano.